

ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA

O BRASIL NA BIENAL DE VENEZA

Apesar da caótica e insegura situação física da Bienal de Veneza, os ecos que nos chegam prestam contas de que a representação brasileira está fazendo bonito. E não podia deixar de ser, tendo-se em conta a seleção que, sem revelar todas as tendências a que o nosso mundo das artes se inclina, nem exemplificar com todas as espécies de obras a que estas tendências conduziram, apesar disso, conseguiu reunir uma vitrina em que ambientes sensoriais, erotismo, pesquisas de espaço, exercício gráfico, relacionamento sensual com o espectador, e tantos outros alicates do nosso tempo estão vivamente justificados. Daí o louvor a Jaime Maurício que selecionou com acerto. Gostaríamos de saber a explicação que nos podem dar os artistas de vanguarda, geralmente autodenominados de progressistas, quando os estudantes franceses impedem uma inauguração de sua bienal, chamando-a de burguesa. Ou os estudantes estão mal informados e então não têm autoridade crítica para protestar, ou o protesto é justo e então só resta aos artistas abdicarem das armas e teorias à procura de uma comunicação mais justa e humanizada. Não aprofundaremos isso, fica a indagação neste ano em que a agitação de caráter não artístico fez tremer nas bases esta promoção que, com todos os seus defeitos, representa uma amostra do que de mais avançado, audacioso e inquieto se produz no mundo, no terreno da criação e da *bolação*. Com as devidas reticências, uma promoção respeitabilíssima, cujas existência e defesa significam, ainda, um documento vivo da liberdade de expressão por que tanto nos batemos.

Em nossas mãos o belo catálogo desta Bienal, uma publicação para ser guardada, um modelo de bom gosto. Da apresentação de Jaime Maurício transmitimos um ponto importante como dado seletivo: "Não existem, para eles, improvisações ou *trouvailles* juvenis, mas uma admirável juventude em reformular, por alguns, e em propor, para outros, problemas antigos e novos. São plenamente conscientes e conseqüentes." Certo.

Inquietante nesta seleção a ausência da pintura. Inquietante e coerente quando o selecionador supõe o futuro gráfico das artes plásticas, e joga a imagem neste horizonte: o de um mundo em que a pintura talvez não tenha mais sentido. Rebelem-se, pintores! Nesta nossa representação a pintura aparece vagamente, como uma sobrevivência superada, em trabalhos antigos de Lígia Clark. Certo ainda, quando lembrarmos que ela nos dizia há pouco tempo que, como pintora, era uma anti-pintora. Estava assim pesquisando sobre matéria morta, para ela, vendo-a apodrecer para encontrar a larva. Porque toda a criação incessante, e revoltantemente terrestre, de Lígia Clark, parece reviver a evolução da larva, com toda uma cegueira suprida pelo luxo do tato, e daí partindo para a fábula sensorial. Por mais que o trabalho de Lígia

Clark nos desinteresse como obra de arte, não se pode deixar de ficar esmagado diante da febril pesquisa, sincera, feérica seleção de centelhas materiais, com que avança através de uma fascinante literatura crítica. Nada mais justo, em nobreza e fatalidade criadora, dentro da nossa crise, do que a batalha de Lígia Clark.

A falta de convivência com Mary Vieira e seus trabalhos nos inibe de julgá-la. Mas situá-la é fácil, tendo-se em conta seu nascimento naquele fulcro anti discursivo do concretismo, o que revitalizou o processo de criação do nosso modernismo, autorizando novo horizonte, revelando novas formas ou conceitos de visão. Tomemos a palavra mesma de Mary Vieira sublinhando seus polivolumes: "Os polivolumes traduzem o conceito de espaço numa experiência transplástica do espaço." A gravura de Ana Leticia, tão conhecida entre nós, reformula elementos da arquitetura barroca, releva-se discretamente, amarra-se numa severidade disciplinada. De todos os artistas que nos representam em Veneza, é o único que, confessando ou não, se preocupa com o elemento, hoje maldito, da beleza. Suas formas querem ser belas, a magia de seus caracóis, volutas que transpassam caixas vasadas, sobretudo o domínio da cor em gravura, o que Ana Leticia realizou como ninguém entre nós.

Mira Schendel é outra artista que conhecemos pouco, mas seus objetos gráficos nos transportam ainda para as proposições do concretismo, fundindo no calígrama as categorias alienatórias de uma linguagem poética que, quanto mais se distanciava entre si, menos dizia. As gravuras de Mira Schendel alfabetizam de novo, sem as limitações de uma ideologia, mas com a liberdade de um refinamento de sensibilidade que, a partir da letra, chegará à leitura da matéria plástica.

Farnese de Andrade seccionando ovulações, órgãos sexuais, cérebros, toda a máquina secreta da vida enfim, coloca-se numa posição privilegiada de desenhista, já não digo em nosso País, o que é óbvio, mas certamente no panorama da Bienal de Veneza. As minudências, a obstinação técnica, o resíduo cada vez menor onde inventar labirintos e formas microscópicas, que ousaríamos aproximar de certas experiências de Ivã Serpa, não nos motivam, mas na obsessão perfeccionista e no cultivo do difícil e espantoso.

Concluindo, nossa representação valoriza a Bienal de Veneza, seja qual for seu destino ou estado de alma. Consideramos até pouco importante a expectativa dos prêmios, em setembro, tendo em vista as implicações políticas que geralmente pesam para a concessão dos mesmos. O prêmio maior que desde já conquistamos é a unidade, a maturidade, a atualidade dessa representação.